

SAÚTE, Nelson. **Escrevedor de destinos**. Maputo: Ndjira, 2008.

Maria Elvira Malaquias de Carvalho*

O escritor Nelson Saúte reúne, em **Escrevedor de destinos**, uma seleção de crônicas em sua maioria divulgadas ao longo da última década em revistas e jornais moçambicanos nos quais colabora. Os textos, escritos à maneira de cartas, iniciam-se, invariavelmente, por um destinatário específico, com o qual se cria um diálogo, à semelhança de uma conversa mais ou menos íntima e afetuosa, entre o autor e aquele a quem, supostamente, se destina a carta. Mas esse artifício textual, que é acompanhado de um tom amistosamente simples, direto e denotativo, muitas vezes perde lugar para digressões a respeito da sociedade e da cultura moçambicanas, que assumem um tom mais sério e com maior pretensão crítica.

Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2001) cita Nelson Saúte como um dos principais ensaístas no campo da literatura no atual cenário intelectual de Moçambique. A professora observa que o papel fundamental da produção discursiva de vertente ensaística no universo das literaturas africanas em língua portuguesa se deve, em grande parte, ao exercício de um pensamento crítico que tem viabilizado a discussão sobre a identidade e a história cultural do continente, já que se volta sobretudo para a “necessidade da consciência da africanidade” (SECCO, 2001, p. 9). O ensaio, gênero em formação na África, ocuparia aí um espaço privilegiado, sendo capaz de cumprir “o objetivo de tornar inteligíveis questões de ordem literária, filosófica, histórica, antropológica, sociológica, entre outras”. (SECCO, 2001, p. 9)

Ler **Escrevedor de destinos** é interessante se desejamos perceber de que modo a escrita de Nelson Saúte se filia, pela sua dicção didática, a essas especificidades que Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco aponta nos trabalhos de ensaístas africanos. Começemos por notar, todavia, o diferente tipo de recepção propiciado pela reunião e fixação, em um único volume, daquilo que antes podia significar apenas um material disperso e fragmentado, fruto de contingências diversas e sem conexão aparente. A crônica de jornal, gênero susceptível ao esquecimento pelo seu caráter de periodicidade e circunstância, ganha outra leitura quando Saúte a resgata do passado e a lança para o futuro, tornando-a, por assim dizer, menos vulnerável ao desaparecimento.

A seleção e o endereçamento das cartas parece obedecer a um determinado

* Universidade Federal de Minas Gerais

critério de afinidades eletivas do autor, já que os diálogos ficcionais que se estabelecem em **Escrevedor de destinos** são feitos, em sua maioria, com poetas, companheiros, políticos, homens e mulheres por quem Saúte demonstra apreço, amizade e admiração. Alguns dos nomes incluídos são José Craveirinha, Rui Knopfli, Noémia de Sousa, Albino Magaia, Mia Couto, Graça e Samora Machel, Nelson Mandela e até Carlos Drummond de Andrade. Aliás, são os versos do poema “Mãos Dadas”, de **Sentimento do mundo** – “O tempo é a minha matéria/ o tempo presente/ os homens presentes/ a vida presente” (ANDRADE, 1986) –, obra de grande realização da poesia social de Drummond, que figuram como epígrafe do livro.

Consideradas em seu conjunto, as 36 cartas em forma de crônica, ou as crônicas epistolográficas, como se queira nomeá-las, apresentam um tema dominante que corrobora a proposta de reunião desses textos numa espécie de antologia pessoal de Nelson Saúte: o elogio da memória como instrumento necessário para a construção espiritual e intelectual da nação, aqui empreendido a partir da retomada de um certo cânone literário nacional. A valorização da literatura moçambicana vai conduzindo o autor ao que parece ser um desejado reconhecimento da história recente do país.

A nossa literatura interpelou, indagou, inquietou. A seu modo, é certo. Mas fê-lo. O imaginário literário moçambicano – da poesia à ficção narrativa – dos finais do século XX foi, de forma assaz impressionante, atravessado pela memória da guerra. (SAÚTE, 2008, p. 22)

A exumação do passado e do legado da guerra se faz perceber em inúmeros momentos do livro, nos quais Nelson Saúte não só lamenta “a terrível amnésia” que cobre Moçambique, mas também exorta veementemente o leitor a visitar escritores de gerações anteriores à sua, além dos próprios autores que lhe são contemporâneos, já que “é proibido esquecer muitos poemas, muitos contos e alguns romances sobre a guerra.” (SAÚTE, 2008, p. 21). Insistindo no papel fundamental que a memória e o culto da tradição detêm na formação de uma comunidade nacional, a posição de Saúte, e quiçá a de boa parte dos ensaístas africanos, evita a noção de esquecimento, igualmente importante para a constituição de uma nação. Esse *parti pris*, que se justifica pelo anelo de construção e manutenção da plena soberania de um país extremamente debilitado pela violência da guerra, desconsidera o disseminado pressuposto de, cuja enunciação remonta à conferência *Qu'est-ce qu'une nation?*, de 1882, o qual afirma que “a essência de uma nação é

que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas.” (RENAN, 1999, p. 148)

Para Saúte, a relação entre literatura e nacionalismo parece, afinal, indissociável. No entanto, convém observar que nenhuma literatura é nacionalista por si mesma. O nacionalismo não é um fenômeno inerente ao texto literário, é antes um efeito discursivo de uma determinada prática de leitura. Alternando entre ilações éticas relativamente longas, por um lado, e carinhosas demonstrações de amizade, por outro, **Escrevedor de destinos** segue um trajeto de rarefação do teor analítico que a prosa ensaística poderia – ou deveria – acolher a despeito do empenho laborioso do autor. A sistemática repetição de argumentos de Nelson Saúte não apenas endossa uma superestimação do valor ideológico da literatura, mas ainda acaba por deixar no ar uma sensação de incriticabilidade dos próprios meios de apreensão e representação da realidade histórica pela linguagem literária, a partir do momento em que ambas as instâncias, história e literatura, são manipuladas e intimamente ligadas, como se fossem quase sinônimos “naturais”.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? **Caligrama**. v. 4. Belo Horizonte: UFMG, dez 1999, p.143-161.

SAÚTE, Nelson. **Escrevedor de destinos**. Maputo: Ndjira, 2008.

SECCO, C.L.T.R. O lugar do ensaio na África. **Suplemento literário de Minas Gerais**: edição especial Salão do Livro 2. Belo Horizonte, ago 2001, p. 8-12.